


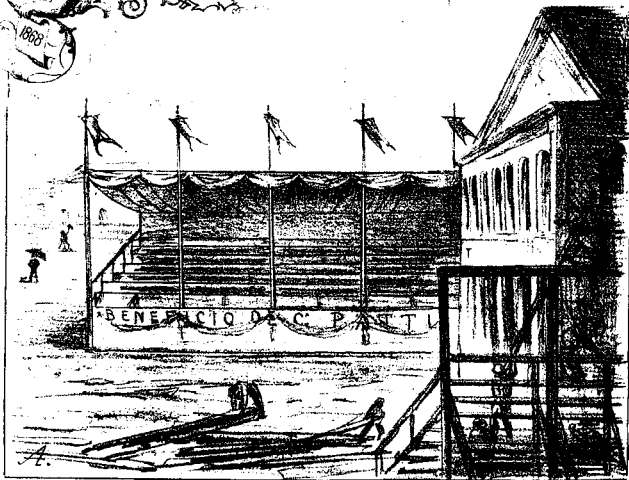
VIDA FLUMINENSE

Folha Illustrada



ESTIMPTORIO RUA DO OUVIDOR 32 - Sabrado - 32	CORTE Trimestre 58000 Semestre 108000 Anno 208000	PROVINCIAS Semestre 115000 Anno 215000 Avulso 15000
--	---	---

1870



Os antigos empresarios das archibancadas, prevendo que o theatro lyrico não seria sufficiente para conter a immensa quantidade de espectadores que postende assistir ao beneficio da Falla, fizeram de novo a disposicao do publico os solidos palcos da Falla Imperial e abrir o governo nas tribunas couzas, e o d'aujo do curra a celebre cantina e grande, e de esperar que os honnres faciam negocio d'esta vez, e que os phileantropos a idea emontel a accellapae que merece.

À VIDA FLUMINENSE

Rio, 6 de Agosto de 1870

O globo terraqueo achá-se transformado em um vastíssimo amphitheatre.

Este amphitheatre está repleto de povo que por sua vez se achá também repletíssimo de curiosidade.

Nem era para menos!

Todos, começando por nós, estão sentados nas archibancadas do mundo, com os olhos fitos na arena central, a qual em linguagem geographica se chama agora a França de um lado e Prussia do outro.

Nem era para menos!

Trata-se, não de uma simples brigasinha de gallos, mas de uma guerra de morte entre duas aguias.

Uma das aguias tem duas cabeças, a outra uma só.

Total: tres bicos.

E que tres bicos, rijos, acicalados, affeitos á lucta, e sedentos de sangue!

Que sarabulhada!

— Olha, sarabulho com pimentinhas á um!

As apostas não se fizeram tardar.

Uns, ognaçados no humda desmentido arrojô francez, sustentam que os soldados de Napoleão levarão a palma!

Outros, ainda entusiasmados pela batalha de Sadowa, onde a disciplina dos soldados e a pericia dos generaes do rei Guilherme tanto conseguiram, sustentam que desta vez a França soffrerá uma derrota.

Eu não sei quem vencerá; mas creio piamente que ambos os monarchas procurarão boas sarnas para se coçarem!

E eis aqui em que se resumem os beneficios que a luminosa civilisação do seculo XIX nos proporciona!

Napoleão, para dar trabalho aos operários descontentes, e neutralisar o veneno republicano inoculado nas veias do povo francez pela incansavel *Internationale*, declara guerra á Prussia.

O rei Guilherme accêita-a logo para conseguir mais promptamente seus *bismarckescos* planos de unificação allemã e engrandecimento de seus dominios.

E por isto e por aquillo, lá se vão chocar dous tremendos exercitos; lá vão morrer milhares de cidadãos de ambos os países que tantos servicos ainda podiam prestar ás suas familias, ás suas patrias e á humanidade em geral.

Grande cousa é a civilisação!

No fim de contas reduz-se tudo a uma questão de agulhas.

Chassepot or not Chassepot, that is the question!

O que é verdade é que, assim como se dizia do celebre Girard: — *c'est un chasseur lion*, pôde-se dizer agora de Napoleão: — *c'est un chasseur piau!*

O principe Leopoldo do Hohensolern (não sei se se escreve assim; mas os nomes allemães não têm orthographia certa; cada qual os pôde escrever como lhe apraz).

Dizia eu: o principe Leopoldo do Hohensolern, que, a principio era a espadilha no jogo, foi rebaixado á posição de dinguinha, que vale onze, dez, uma... ou salta fóra, quando é demais.

Mas antes isso, do que ser *maximilianizado* como o seu collega no Mexico.

Todos esperam soffregos o primeiro paquete europeu. Eu tambem.

A. DE C.

~~~~~

## Assumppto de varias côres

Festa de estrondo.—O beneficio da Patti.—Os dous concertos officiaes por ella ás sociedades de *Beneffencia Italiana e Portuguesa*.—Como Theodoro Ritter e Paulo Saraceni a coadiuvaram.—Flores, rosas e grinaldas.—O espectacular-concerto de Felto Fornali.—Não peço os dous de *carissimo*.—Um rabeguita cego, Madame Heine e a imprensa ingleza.

\*\*\*

Prepara-se uma festa de estrondo.

Não julgo o leitor que se trata de nova exhibição dos festejos officiaes no campo de Sant'Anna, queda do ministerio, abastecimento d'agua potavel, ou cousa assim. Nada disso. Podem os foguetes descansar em paz desta vez, a guarda nacional continuar no *dolce far niente* de todos os dias, e a camara dos deputados dormir pacificamente sobre os louros, que ainda está para colher:—a intervenção de qualquer desses elementos seria inutil neste caso.

Flores e mais flores, grinaldas e mais grinaldas, chuva de ouro e rosas, joias em profusão, serenatas, versos mimosos, folhetins esplendidos—eis do que se caroe.

E quanto a mim nada disto faltará á festa de que fallo e que prometto ser uma das mais proprias a registrar nos annaes artisticos do Rio de Janeiro.

\*\*\*

Carlott Patti faz beneficio e diz adeus ao nosso publico depois do amanhã.

Não o adivinhara o leitor ao ler os periodos que precedem este trecho?

Não vira que, tratando-se desse cortejo de circumstancias indispensavel ás ovações que partem d'alma, alludia eu ao ultimo concerto da celebre Dica?

Não imaginára que, perante uma das mais sfamadas cantoras do mundo musical, seria impossivel que o Rio de Janeiro deixasse de prorromper em manifestações vehementes e clamorosas?

Tudo isto pensára antes de mim o leitor; e esse sorriso que, estdu vendo, pairar-lhe nos labios é a prova mais clara de sua approvação a quanto vai dito.

Effectivamente não será facil vêrmos tão cedo entre nós uma artista como a Patti.

Dá-se com esta mulher excepcional o que raras vezes succede com outras.

Na primeira noite o publico fica absorvo perante a magestade daquella garganta que, á imitação de um instrumento perfeitissimo, solta todos os sons com essa afinação mathematica, unica, incomparavel, a que nem sempre attingem as maiores *celebridades* do mundo: depois vem os mil arabescos do canto enfeitar as melodias que lhe sahem dos labios, e por entre ellas a extravagancia mimosa e suave de um gorgeio que não se descreve, nem se imita: n'outro concerto admira-se o *smorzato* de um trillo, que parece começar bem longe de nós, approximar-se pouco a pouco crescendo do intensidade e vigor, e depois sumir-se nas amplitudes do espaço: logo apoz vem uma alluvia de escalas, corridas com essa igualdade e ligeireza que só se encontra nas boas flautas; e por ultimo os saltos de oitava e decima dados com tanta arte, que, apesar de a vista distinguir na scena uma só cantora, o ouvido teima em asseverar a presença de duas.

No principio admira-se, depois gosta-se, e por fim não ha palmas que cheguem, nem entusiasmo que baste para saudar o talento original daquella mulher fadada.

Os dous concertos offercidos ás sociedades de Beneficencia Portuguesa e Italiana são a prova mais exuberante do que eu acabo de dizer. As peças da Dica foram applaudidas com delirio; exigia-se o *bis* com certo frenesi que raras vezes accomette o caracter pacato e sizado dos nossos auditórios, e flôres sem conta, ruzas desfolhadas, e grinaldas de pennas vinham por vezes calar nos pés da grande artista que, com o sorriso nos labios e a gratidão n'alma, agraçava ao publico o triumpho que lhe fôra preparado.

Prova de apreço não equivôco receberam tambem em qualquer dessas noites os Srs. Ritter e Sarasate, que acquiescendo nos desejos de Carlota Patti a conjuvaram na obra de caridade de que os infelizes jámais se esquecerão.

Outra festa de não menor importancia e pela qual tambem o nosso publico almeja é a representação prometida por Pedro Ferranti, o que, segundo parece, está marcada para a noite de 12.

Eu não acrescentarei mais uma syllaba sequer ao que já disse acerca do merito do sympathico artista.

O programma assáz seductor, e as innumerables sympathias de que goza o beneficiado são garantia solida ao pagamento d'essa divida que o publico costuma sempre contrahir com os verdadeiros artistas de sua predilecção.

R ao pagamento d'essa divida duplo direito tem hoje Ferranti, que, para escutar a voz do coração e dar maior realce a um espectáculo cujo producto revertia a favor dos infelizes, não hesitou em tomar parte no concerto realisado pela sociedade de « Beneficencia Italiana » sacrificando assim no altar da caridade a justa e curiosa influencia que sua estrêa inspirava.

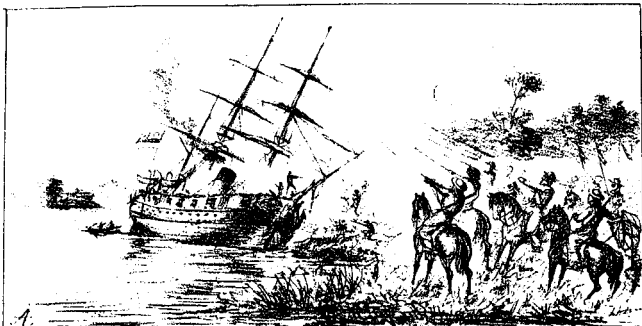
Addicionando esta acção generosa ao valor intrinseco do cantor e á variedade de um programma, outrode tam peças do concerto e trechos de opera circundados dos accessorios scenicos, que tamanho realce dão aos espectaculos lyricos não moreço por certo os fóros do *cartomante* vaticinando al signor Ferranti mais umas d'essas noites festivas a que, desde 1854, elle está habituado entre nós.

Apôz os concertos—Patti o o beneficio de Ferranti seguir-se-hão os *soirées* musicas que o Sr. José Heine o sua esposa tencionam submeter á apreciação do nosso publico.

O Sr. Heine é um rabequista cego. Sem jámais poder admirar as obras do creador, recolheu, em troca da vista que o destino lhe negou, um ouvido finissimo e as mais felizes disposições para a musica. Aproveitando-as, chegou a executar no violino as obras mais inspiradas dos senideosos d'esse instrumento, o distinguindo-se sobretudo por certa melancolia que imprime nos cantos, o um arrojado d'execução, que alguns jornaes classificam de prodigiosa, occupa actualmente entre os concertistas da epocha um lugar conquistado pela soberania do seu talento.

Mme. Heine dedicou-se ao piano desde tenra infancia, mostrando desde logo uma vocação decidida por aquelle instrumento.

Como pianista, confereo-lhe o bello sexo inglez o diploma de—primeira entre as primeiras.



Logo nos formos argentinos. O Presidente Sarmiento resolveu não mandar a esquadra argentina contra as forças de Lopez Jordani.  
Logo nos oser que Sarmiento receia o que acamarista desmbrado visto que as forças de Jordani se compoem quasi todas de cavalleros; e verdade que aboves (sic) batallas de Riachuelo ja os noios argentinos derrotaram. "A esquadra argentina com o auxilio de alguns buques argentinos, gaño as batallas de Riachuelo."  
"A esquadra argentina compoem-se de um vapor."



O General em chefe hoje das forças argentinas contra Lopez Jordani, retorna com o seu estado. Melhor se um pouco... e representadamente o Comandante de Buenos Ayres.  
"É verdade que ja em 1866 os formos argentinos derrotaram. El carabó argentino, sob o commando del valiente Heko, obtendo por algunas canonicas (sic) derrotas ha obtenido una esplendida victoria."  
"Juan de Cesar o que é de Cesar, em el recuerdo."



*Attitude actual da Franca, Prussia e Rospanha.*  
 (Debaldo a Inglaterra, a Italia e a Austria, procuram impedir que ellas cheguem ao ultimas.)

A qualquer dos dous concertistas concedo a imprensa inglesa elogios que, despidos de phrases bombásticas, tem o cunho da sinceridade. E, digam lá o que disserem, em questões de consciencia jornalística parece-me que a velha Albion ainda pôde dar lições aos outros palcos.

A. DE A.

### O riso e o sorriso.

O riso e o sorriso são dous irmãos rivais; um é louro, o outro moreno, e ambos aborrecem-se o invejam-se; e conquanto tenham a mesma origem, em nada se parecem, nem podem viver juntos.

A boca tem duas floguagens; a da palavra e a do gesto; a primeira habitualmente inerte, e a segunda essencialmente verdadeira, se bem que muda, ou quasi muda.

Esse gesto é o riso ou o sorriso. A boca tem a propriedade do rir ou de sorrir, exactamente como um rio pôde crear juntamente peixes dourados muito preciosos, rãs e cobras horribes. O sorriso é o peixinho dourado da boca, o riso — a rã ou a cobra.

O sorriso exprime sempre idéas ou sentimentos; o riso instinctos ou appetites.

No maior numero de casos o sorriso pertence ao céu; o riso, em todo caso, é do dominio do inferno.

O sorriso é sempre aristocratico, quer corresponda a sentimentos generosos, quer a paixões odiosas; o riso é radicalmente plebeu. Quando a parte nobre de nosso ser quer manifestar-se, a boca sorri; quando apparece a parte maligna ou vulgar a boca ri.

Todo o riso é burlesco, ou, mais ou menos violento, e por tanto aggressivo; quando eleva-se á cathedra de gargalhada, é deshumano e feroz.

O bem proprio o o alheio fazem de algum modo sorrir; o mal alheio faz rir os egoistas ou os que têm coração malevolo; assim como o mal proprio faz enraivecer, chorar ou renegar-se.

Os labios que sorriem, se são do criança imitam um botão de flor que se entranha, se são do mulher retratam a flor aberta que oxhala o seu perfume e provoca, se são do ancião imitam uma folha ou flor secca que, pegando-se nella, estafura-se e desfaz-se.

Todo o sorriso, vigorosamente expressivo, obriga a olhar para cima ou para baixo. Para um homem que ama profundamente, depois de admitir o sorriso ternu da mulher amada, só lhe resta contemplar o céu. Para o que teme — só lhe cabe olhar para o chão, quando a pessoa com quem falla lhe mostra um sorriso de odio.

Um sorriso opportuno e expressivo vale, em certas occasiões, mais do que muitos discursos, e decide da vontade de um animo vacillante.

Nada requer mais distincção e graça do que o sorriso; nada exige menos talento do que o riso.

Em regra geral quando uma mulher sorri é porque o seu coração está possuido de alguma especie de amor; assim como, em geral, quando um homem sorri, é porque alguma idéa, algum interesse, ou alguma rivalidade o preoccupa.

O sorriso é quasi sempre a correspondencia, ou do certo modo a reacção que produz um olhar. A mais bella harmonia é a que produz um olhar doce e amante e um doce e amante sorriso.

Duas bocas que se beijam são dous dous sorrisos do amor que se confundem; assim como dous sorrisos amáveis que se saudam, são duas bocas que se beijam de longo.

Pelo contrario, dous risos que se juntam ou se cruzam formando um *duetto*, são dous risos caudalosos de malignidade que se alliam, ou dous odios que se mascaram, mas para reagir depois.

Um sorriso de amor dispensado por uma mulher formosa e amada é um pedacinho do céu dado por conta da gloria eterna.

Está sufficientemente demonstrado que os sorrisos que se trocam ás furdadellas são os mais doces e significativos.

Todo o corpo humano, sendo tão enorme em proporção á boca, não pôde expressar (excluidos os olhos) a centesima parte do que expressam estes dous pedacinhos de carne aristocratica que se chamam labios.

(Continúa.)

L. DE B.

### PHILOMELA

(Continuação)

— Sabe que a sua refrida bruxa desta casa, foi commentada? perguntou ella.

— Não sabia; mas desconfiava.

— Porque?

— Porque conheço o que são as reuniões, como. Aqui tudo é commentado; pessoas, actos, factos, etc.

— Mas ignora que o commentario que fizera foi-me desfavoravel; não?

— A V. Ex.?!?

Accusaram-me de ser a causa de sua ausencia o...

— E em que lhes pesa isso? perguntou o manecbo com altivez.

— A elles creio que em nada, mas a mim; em muito. Tu' um compromettimento, que desejo ver satisfeito.

— Como, minha senhora?!

— Ambos nos enganámos, senhor Arthur. V. S. julgou ver em meu procedimento para consigo os symptomas de uma inclinação que não havia; eu acreditei que os

seus cumprimentos não passavam dessas fincas vulgares, que se esquecem, apenas ditas.

— Pego-lhe perdões, se a offendi, consagrando-lhe um sentimento mais venal e mais extremo, confessando-o, do que esse que dita as trivialidades, que a etiqueta das salas manda dirigir às senhoras; creia, porém, que não a offenderei mais. . . .

— Não use dessa linguagem, ou lh'o peço; murmurou a moça com gesto supplicante. Não ha offensa de sua parte; houve apenas pouca reflexão da minha.

— Pouca reflexão da parte de V. Ex.? Mas em que?

— Basta, Sr. Arthur; disse a moça fazendo um esforço sobre si. Quer esquecer-se de mim?

— E' um castigo cruel, minha senhora.

— Não é castigo, é uma supplica.

Arthur fitava admirado a moça, em cujos olhos as lagrimas borbulhavam, a despeito dos esforços que ella fazia, por se conservar calma.

O moço sentia-se commovido ante aquella fraqueza, que desmentia com emoções e com lagrimas as palavras que proferia.

Além disso elle já havia sentido pronunciada inclinação pela viua, e posto que com a imaginação cheia da imagem de Martha, todavia o que ultimamente com esta se havia passado, transformára-lhe por forma tal o pensamento e forára-lhe tão profundamente o orgulho, que aquella affeição pura, que trahia o olhar de Carlota, ia-lhe directa á alma como um balsemo consolador.

— Para que se afflige e tortura assim, procurando illudir-me e a si propria? perguntou o moço, depois de curto silencio, e, com ar melancolico, e tomando ambas as mãos da moça:

— Creia... que..., ia dizendo Carlota com vehemencia.

— Oh! não prosiga, interrompeu o moço. Fallemos antes com toda a franqueza. Houve alguém que suppoz existir entre nós outras relações, além das da cortezia e polidez, e esse alguém, que naturalmente é algum seu pretendente infeliz...

— Senhor!...

— Perdoo-lhe; nada existe de offensivo no que lhe estou dizendo. V. Ex. tem um coração bom de mais, para poder conhecer o que vai em derredor de si. Enquanto, esmagada por uma dor ainda viva, V. Ex. appareceu do novo nas sociedades; acredita que essa multidão de moços que se atropellavam em derredor de si, para obterem um simples olhar, pensavam na amargura que regimava do seu rosto? Admiravam respectosos a dor santa que a pungia? Não o creia. A maior parte via em V. Ex. apenas uma viua bella, moça, em que a brizotea assentava perfeitamente, e sobretudo rica.

Que muito é, que elles se disputando o favor de uma palavra, de um olhar, de um simples aceno de cabeça; vissem com máos olhos aproximar-mo de V. Ex.; e fizessem do meu nome o thema sobre o qual variariam em descredito seu? Creia, porém, que em mim encontraré unicamente, de ora avante, um servo respeitoso. V. Ex. permitta, que me dirija ao salão, a nossa ausencia pôde tornar-se sensivel.

Dizendo isto o moço affastou-se, sem esperar resposta alguma da moça.

Esta apenas o viu affastar-se, levou o lenço aos olhos, e murmurou quasi a soluçar.

— Meu Deus! este amor é pois um castigo?!

Por demais preoccupados com a conversação, os dois jovens não haviam dado fé, de uma pessoa, que presenciara, occulta por uma das portas, que abriam sobre o terraço, toda a scena que entre elles se passou.

Era a filha de F\*\*\*.

Ella viera á sala de jantar poucos momentos depois de Arthur e Carlota, e encaminhára-se igualmente para o terraço, mas ao abrir a porta, deleva-se, e vendo ambos empenhados em animada conversação prestou attenção, atrahida por algumas palavras que lhe feriram os ouvidos.

Quando, porém, o moço deixou Carlota, dirigindo-se para a sala, a moça affastou-se rapidamente e encaminhou-se para o *toilette*.

Pouco tempo depois achavam-se todos no salão, onde não se tardou em organisar uma quadrilha.

## XVII.

Dava uma hora da noite quando Arthur e Alvaro sahiram da casa de F\*\*\*.

— Vaes dormir em tua casa? perguntou Alvaro.

— Vou. Vem comigo; amanhã irei jantar contigo.

— Seja; estou vendo, porém, que seremos forçados a ir a pé até as Laranjeiras.

— Pouca importa isso. A distancia não é tão grande, que possamos recuar cançar em meio caminho.

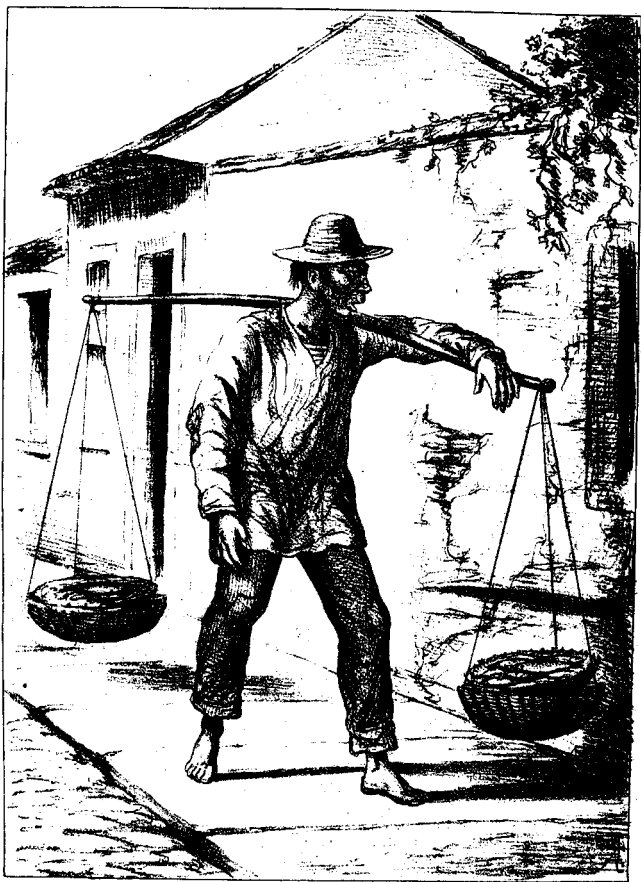
Os dois moços dirigiram-se um a par do outro e a passos cadenciados para a casa de Arthur.

Caminharam por muito tempo em profundo silencio, entregues ambos aos pensamentos, que lhes suggeria as impressões daquelle noite.

Os charutos, que haviam tido o cuidado de acender antes de sahir, consumiam-se lentamente, decompondo-se em uma fumaça leve, que se desfazia no ar, e em cinza branca que era do instante em instante sacudida para o chão.

(Continúa).

*Tipos das ruas do Rio-de-Janeiro.*



*- Salinha e câmbalo*  
II